

A SISTEMATIZAÇÃO DO HANDEBOL E AS CONTRIBUIÇÕES DA PRAXIOLOGIA MOTRIZ NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Diego Moreira da Costa de Oliveira¹, Rodrigo Wanderley de Sousa Cruz², Leys Eduardo dos Santos Soares³, Emerson Pereira de Souza Arruda⁴, Pierre Normando Gomes-da-Silva⁵

RESUMO

Esta pesquisa objetivou investigar como o conhecimento do handebol é sistematizado nas aulas de Educação Física em uma escola pública e outra da rede privada na cidade de João Pessoa/PB. A pesquisa teve um caráter descritivo, com abordagem qualitativa dos dados. Utilizamos como técnica de coleta o questionário semiestruturado. Participaram deste estudo quatro professores de Educação Física, sendo dois professores da rede pública municipal e dois professores da rede privada de ensino. Diante dos resultados, observamos que o handebol está presente como conteúdo programático da Educação Física nas duas escolas pesquisadas, porém, com a existência de lacunas pedagógicas tanto na intencionalidade do esporte, quanto na concretude dos objetivos propostos, limitando assim, o processo ensino-aprendizagem. Para isso, suscitamos uma ampliação do acompanhamento da pedagogia do handebol nas escolas, buscando maximizar a prática e otimizar o aprendizado dos alunos, a partir da teoria da praxiologia motriz.

Palavras-chave: Escola, handebol, pedagogia, praxiologia.

THE SYSTEMATIZATION OF HANDBALL AND THE CONTRIBUTIONS OF THE DRIVING PRAXIOLOGY IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES.

ABSTRACT

This research aimed to investigate how the knowledge about handball is systematized in physical education classes in a public and a private school of João Pessoa city. The study had a descriptive character with a qualitative approach. We used a semi-structured questionnaire as a technique for collecting. This study included four physical education teachers: two from private schools and two from municipal schools. With the results we could observe that handball is present as physical education curriculum in both schools, however, with educational gaps in the intent of the sport and in the concrete of the proposed objectives, which limits the teaching-learning process. Because of that we require an expansion of the handball educational support at schools, trying to maximize the practice and to optimize student learning from the theory of praxiology driving.

Keywords: School, handball, pedagogy, praxiology.

INTRODUÇÃO

O campo do conhecimento da Educação Física parece não apenas ter adotado o esporte como seu principal objeto de estudo e de intervenção prática, mas também confundir-se com ele, num processo de esportivização da Educação Física. Desse modo, o esporte parece ter se tornado o conteúdo determinante das aulas desse componente curricular da Educação Básica (PIRES e NEVES, 2006).

É inegável a preferência dos alunos pelos jogos esportivos nas aulas de Educação Física, principalmente, a partir do Ensino Fundamental II. Assim, adotar uma pedagogia do esporte significa entender e valorizar as diferenças entre os esportes, possibilitando utilizá-lo de diferentes formas e beneficiar todos os praticantes, não mais apenas os mais habilidosos ou mais “aptos”. Na concepção de Kunz (2004), o ensino dos esportes pode ser visto de duas formas: uma, em seu sentido restrito quando apresenta as características do esporte formal, de autorrendimento e a outra dentro de uma visão mais ampla, na possibilidade de ressignificar o esporte para o contexto escolar, transcendendo a sua regulamentação rígida, de seletividade, racionalidade técnica e exclusividade.

Diante disso, tomamos o handebol como uma amostra esportiva escolar, para fazermos uma análise de como esse tema esportivo tem sido discutido no interior da escola, qual sua proposta conceitual e metodológica, e, sobretudo, como essa manifestação da cultura de movimento é produzida na e para escola. Além disso, buscou-se compreender se a metodologia utilizada ressignifica ou não os modelos operacionais apresentados na conjuntura do esporte-escola.

A Praxiologia motriz consiste numa ciência do movimentar-se humano, busca investigar nos jogos e esportes a lógica interna de cada prática, compreendendo as suas ações motrizes impertinentes de cada jogo (PARLEBAS, 2001). Os saberes praxiológicos proporcionam a professores e alunos, uma nova compreensão dos jogos e esportes, definindo as redes de comunicação, analisando os atributos dos participantes em termos tecno-táticos, revelando seu funcionamento interno de cada jogo.

Esta compreensão contribui tanto para uma melhor intervenção dos participantes, como para um aprimoramento da compreensão do jogo pelos sujeitos do processo ensino-aprendizagem. Revelar a lógica interna é tornar facilmente compreensível o ato de participar de um jogo. É torná-lo mais autoevidente. Seria como ter uma bola de cristal nas mãos, professores/técnicos, alunos/atletas tornam-se possuidores de saberes, que por si só quebram o paradigma tradicional de ensino dos esportes.

O estímulo a uma maior compreensão da lógica do jogo, entendendo como as cadeias de ações acontecem dentro de determinadas situações motrizes, contribui para melhorar a comunicação entre os participantes. É o entendimento da forma com que cada ação minha dentro do jogo pode contribuir para minha equipe e/ou interferir nas ações adversárias, ou seja, é a compreensão do quanto minha atuação interfere na lógica do jogo.

Partindo do pressuposto de tematizar o esporte como conteúdo escolar, temos como problemática central desta investigação compreender de que maneira os professores de diferentes redes de ensino sistematizam o esporte handebol ao longo dos anos escolares. Esse estudo objetiva identificar como o handebol tem sido desenvolvido como conteúdo escolar. Com esse intuito, necessitamos analisar como esse conhecimento esportivo é sistematizado nas escolas.

Levar o conhecimento praxiológico para a escola causa uma revolução nos saberes docentes e discentes relacionados à prática corporal. Saberes estes que visam promover um novo olhar perante o jogo.

Frente a esses pressupostos que caracterizam as situações motrizes de cada prática, poder-se-á estabelecer, no âmbito escolar, uma nova compreensão do significado do processo ensino-aprendizagem, acarretando novas possibilidades e perspectivas de jogo dentro da escola.

Tendo o conhecimento desta classificação, o professor/treinador poderá utilizar para encontrar semelhanças entre diferentes práticas com base apenas na situação motriz em questão, e ao procurar semelhanças, estará buscando novas formas de ensino do jogo, assim poderá contribuir para um aperfeiçoamento ou aprimoramento, tanto da aprendizagem dos alunos como na aprendizagem docente.

“Estamos diante do ABC, o qual qualquer profissional qualificado da Educação Física e Esportes deveria conhecer” (RIBAS, 2008, p.87) Dividindo as práticas motrizes desta forma, nos revela quais são as exigências primordiais que solicitam cada jogo ou esporte. Nesta perspectiva, o profissional de educação física não estará caminhando sozinho ao sistematizar um esporte na escola, mas estará apoiado por uma teoria de conceitos científicos, metodológicos e criteriosos.

Sabendo destes conhecimentos, tratando-se o jogo como uma rede de comunicação, professores poderiam proporcionar aos seus alunos métodos e técnicas de análise das ações de companheiros e adversários. É com base nas ações dos integrantes que se define a conduta a ser seguida. Somente a partir da compreensão da situação motriz, se pode conduzir para a melhor ação. Para isso, se faz necessário, não apenas ensinar a técnica e tática, mas também ter um olhar que rompa estas barreiras, olhar este que não é formatado de imediato. A análise situacional é feita no decorrer de todo jogo, observando os companheiros, adversários e o jogo, assim, ao se situar em determinada situação se tem mais claramente o que deverá acontecer, pois já se tem uma prévia análise dos meios técnicos e táticos de companheiros e adversários.

METODOLOGIA

Para a realização dessa intenção, optou-se por uma pesquisa descritiva, com abordagem qualitativa dos dados. Tal tipo de pesquisa foi escolhida para melhor descrever as características e/ou relações existentes no grupo de professores de Educação Física escolar da rede pública e privada com o handebol.

Participaram deste estudo quatro professores de Educação Física, sendo dois professores da rede pública municipal e dois professores da rede privada de ensino na cidade de João Pessoa. Estes dois grupos de professores foram formados numa instituição pública de ensino superior (UFPB) nas duas últimas décadas nos anos de 1990 e ano 2000. Esses professores possuem um tempo na docência dentro da instituição de ensino em que atuam. Os professores da escola privada têm mais de dez anos na respectiva instituição, enquanto os professores da escola pública atuam há cinco anos. Tanto os professores da escola pública, quanto os professores da rede particular ministram aulas de Educação Física no Ensino Fundamental II do 6º ao 9º ano, nos turnos de manhã e tarde.

Em virtude do objetivo deste estudo, foi aplicado um questionário no período de outubro de 2011, composto de cinco questões abertas, que partiram de temas geradores. O questionário buscou obter informações referentes à presença do handebol no plano de ensino dos professores, a justificativa do handebol estar ou não no planejamento, a sistematização do conhecimento do handebol nas aulas de Educação Física, a reflexão da prática por parte dos alunos e as possíveis contribuições que o handebol pode trazer aos discentes em termos de aprendizagens comunicativas e cognitivas, buscando assim, informações relevantes para a análise e discussão dos dados posteriores.

Para a coleta dos dados da pesquisa, procedeu-se da seguinte maneira: primeiramente, as escolas foram escolhidas em virtude da sua aceitação e respaldo nas respectivas comunidades com extenso tempo de atuação escolar. Em outro momento, os professores foram visitados nas escolas a fim de tomarem conhecimento da temática e objetivo da pesquisa, bem como o interesse de participar da mesma. Em seguida, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, autorizando o uso do recorte das suas respectivas “falas”, sem menção dos nomes dos participantes e das instituições de ensino. Posteriormente, receberam uma nova visita agendada, recebendo o questionário em mãos e tendo toda a liberdade de respondê-lo expondo sua opinião sobre o tema.

No que concerne ao procedimento de análise dos conteúdos, foi realizada uma leitura das respostas do questionário de perguntas abertas, buscando selecionar um grupo de unidades de significados representativos para construção de um conjunto de categorias descritivas, considerando o tipo de respostas às questões formuladas (FARIAS, 2006). Posteriormente realizamos a organização do material em temas a serem discutidos e confrontados com os fundamentos da Praxiologia motriz, realizando aproximações da teoria com a prática, e buscando a partir dela novas possibilidades e saídas para o ensino-aprendizagem do handebol na escola. Utilizamos falas dos professores no decorrer da discussão para melhor identificar os pontos discutidos. Os professores são indicados no texto como Professores Pu (escola pública) e Professores Pr (escola privada). Dividimos nossa análise em duas categorias: a vivência do handebol na educação física escolar, no tocante às ações pedagógicas dos professores no trato do conhecimento do handebol junto aos alunos e as contribuições da praxiologia motriz para o ensino-aprendizagem do handebol, no âmbito da comunicação entre os alunos e ‘leitura’ dos jogos durante as aulas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vivência do handebol na escola e as contribuições da praxiologia para o ensino-aprendizagem na educação física escolar.

Escola Pública (Pu)

Os professores das escolas públicas ministram o conteúdo do handebol nas turmas (6º ao 9º ANO) do Ensino Fundamental II. Um professor alegou que o handebol faz parte do conteúdo “porque está na orientação do planejamento anual realizado no início do ano”. Relata que a sistematização

do handebol é realizada “através das aulas teóricas com textos relacionados com sua história e fundamentos técnicos. A vivência prática se dá através de exercícios específicos do handebol”.

O outro professor (pu) não justificou a razão do conteúdo no planejamento. Mas, qual a intencionalidade do handebol nas aulas? Um conteúdo não pode ser abordado apenas por estar presente no plano anual. Eram importantes essas justificativas, pois os próprios efeitos educativos dependem da interação complexa de todos os fatores que se inter-relacionam nas situações de ensino: tipo de atividade metodológica, aspectos materiais da situação, estilo do professor, relações sociais, conteúdos utilizados (NEIRA, 2006).

Acreditamos que essa sistematização poderia abranger mais elementos e não simplesmente história e técnica. Isso deixa claro que a preocupação dos professores é o ensino das técnicas da modalidade com vistas a uma execução adequada. O jogo não pode resumir-se a isso. É necessário se pensar o jogo como um instrumento de educação, um instrumento de cultura.

Ainda realizam “uma sondagem com os alunos sobre o brincar e/ou jogar (com a bola) utilizando as mãos.” Os esportes com bola, compõem de um modo geral, os esportes coletivos, que precisam de um elemento comum a todos os jogadores a fim de integrá-los em uma equipe e conduzi-los a um único objetivo. Através de Freire e Scaglia (2007, p.55) entendemos que, “no caso dos jogos, cooperar significa compartilhar regras, objetos, sentimentos, com os companheiros de equipe, no intuito de vencer obstáculos.” Em se tratando de jogos com bola, o objeto a ser compartilhado é a própria bola, simbolicamente tão importante na vida de todos os jogadores.

No jogo do handebol a bola atua como instrumento de ligação entre companheiros, a bola tem o poder de transferir uma interação. Cada passe tem um convite de interação, um chamado a comunicação motriz, cada passe dentro do jogo tem na sua essência a característica o poder de criar uma estratégia motriz ofensiva ou defensiva. Segundo (PARLEBAS, 2001. p. 81) comunicação motriz significa uma “interação motriz de cooperação, essencial e direta”. E os passes são os mais simples e visíveis exemplos de interação presente dentro do jogo de handebol, pois cada passe leva em si a possibilidade de uma nova jogada, é a passagem de um local para outro na área de jogo para efetuar-se um objetivo.

Percebemos nesta pesquisa que há uma grande preocupação com a aprendizagem dos fundamentos, mas com o sistema do jogo, não há preocupações. A técnica e tática são apenas uma parte dos requisitos básicos do handebol, a outra é a tomada de decisão. No momento em que ensinamos a tomada de decisão, estamos tratando de mostrar todas as limitações de cada um em determinadas situações do jogo. A partir daí, teremos consciência de que se existe a necessidade de ampliar as opções motoras, retornar e aperfeiçoar certos gestos técnicos (RIBAS, 2003). Só pela tomada de decisão é que se aprende a jogar em equipe, só pela tomada de decisão é que os alunos poderão tomar consciência dos erros e acertos, e, portanto, só pela tomada de consciência é que há aprendizagem.

Os fundamentos técnicos são importantes, mas não significam o único instrumento da aprendizagem do esporte. Como dialogam Pires e Neves (2006, p.71), “é possível perceber que, no ensino dos esportes ainda predominam os processos pedagógicos restritos à competência objetiva ou técnica”. Efetivamente, por centrarem-se na perspectiva da reprodução mecânica de alternativas bem sucedidas de solução para o aprendizado de aspectos técnicos do esporte, as concepções hegemônicas de ensino não priorizam o desenvolvimento de situações didáticas que possibilitem a compreensão das inter-relações sociais que se constroem em sua decorrência, assim como desconsideram a importância da razão argumentativa para a produção de entendimentos consensualmente validados pelo diálogo esclarecido.

Os professores confirmam a presença do handebol como conteúdo na linha do jogo pré-desportivo, uma preparação para o esporte propriamente dito, pois, corroborando com Bregolato (2007, p.151), “os jogos pré-desportivos, como os demais, são de caráter lúdico, portanto, a evidência está no prazer de jogar, sendo a competição um aspecto do jogo e não a razão de jogar”. Eles acreditam “que o jogo de passe e suas variantes podem ajudar os alunos na aquisição de diversas habilidades sociais, manipulativas, perceptivas e de deslocamento, além de que o jogo pré-desportivo tem uma aceitação significativa na escola por sua dinamicidade e pelo envolvimento dos alunos na sua essência”.

Defendemos que já nos jogos pré-desportivos é o tempo propício para trabalhar a tomada de decisão e tomada de consciência dos alunos. Tomada de decisão e de consciência são asas de um mesmo pássaro. Observamos que o professor está preocupado com o fundamento, ou seja, a técnica, através de jogos que previamente trabalham a técnica do jogo, mas e o jogo quando será ensinado?

As ações do jogo e as ações que se dão no transcurso do jogo são facilmente verificáveis mediante a observação empírica. Mas a estrutura que governa as relações do sistema se mantém oculta ao observador, ao menos de maneira diretamente verificável. (RIBAS, 2008). Defendemos que no handebol há uma ampla variedade de gestos e ações que governam a estrutura do jogo, mas, que a primeira vista são imperceptíveis, como as trocas de interações por meio da bola, gestos, ações táticas de comunicação e contra comunicação, ou seja, de interceptar as ações do adversário, impedindo que realizem o objetivo.

No que concerne ao jogo de passe, Freire e Scaglia (2007) refletem como uma atitude de se desprender, de tornar disponível para o outro aquilo que, num certo momento, é nosso. Sem dúvida alguma, a habilidade de passar a bola, acima de todas as outras, é a que determina o êxito no jogo, pois em grupo o êxito está vinculado diretamente à habilidade de agir coletivamente. A habilidade de passar é a que concretiza, na prática, a intenção de ensinar a cooperar, conceito que depende da realização prática. E nada melhor que a ação de passar a bola para garantir a habilidade de agir coletivamente.

Obviamente que o jogo de passe não favorece apenas o handebol. O trabalho em equipe, coletivamente, pode beneficiar bastante todos os que jogam. Segundo Darido e Souza Junior (2008, p.59) “quando um jogador passa a bola, isso significa que ele está sendo solidário com o outro e deixando a bola sob sua responsabilidade”. Isso implica numa relação entre as pessoas e delas com o meio, tornando-se uma fonte de aprendizado para os educandos.

Escola Particular (Pr)

Os professores das escolas particulares sistematizam o handebol sempre se reunindo “com uma roda de conversa para sondagem do conhecimento que os alunos possuem do esporte e suas práticas anteriores”. Em outro momento inicia-se o jogo “inserindo algumas regras flexíveis permitindo que o jogo aconteça e que os ‘problemas’ surjam para as devidas intervenções, priorizando a liberdade e autonomia dos discentes.”

O trato com o conhecimento reflete a sua direção epistemológica e informa os requisitos para selecionar, organizar e sistematizar os conteúdos de ensino. Pode-se dizer que os conteúdos de ensino emergem de conteúdos culturais universais, constituindo-se em domínio de conhecimento relativamente autônomos, incorporados pela humanidade e reavaliados, permanentemente, em face da realidade social (LIBÂNEO, 1985).

Já o trato com o conhecimento esportivo, advindo das múltiplas possibilidades de manifestação do movimento, exige uma transformação didático-pedagógica, isto é, um trato pedagógico que tematize tanto as contribuições advindas das ciências do esporte quanto os saberes/fazer da cultura esportiva (PIRES e NEVES, 2006). Por isso que, com relação às regras, quando praticamos o handebol nas aulas de educação física de forma recreativa, sempre existe a possibilidade de adaptação das regras. Nada impede, por exemplo, que, nas aulas de educação física na sua escola, a turma forme equipes com menos de sete jogadores ou modifique alguma regra de acordo com os interesses e as necessidades da turma. “Esse alerta é importante para destacar que as regras de qualquer modalidade esportiva devem ser seguidas com rigor apenas em competições oficiais das entidades representativas” (DARIDO e SOUZA JUNIOR, 2008, p.99).

As possíveis contribuições que o handebol pode ofertar aos alunos dentro da escola, bem como na sua vida futura, segundo os professores (Pr) “são a socialização, o companheirismo, a disciplina, a coordenação motora, o autocontrole e o desenvolvimento físico e mental.” Além disso, ainda citam que “favorece a melhoria da qualidade de vida no cotidiano dos mesmos e que o handebol contribui na formação do educando como ser consciente e comprometido, capaz de exercer plenamente a cidadania. Isso é possível “ao serem considerados os momentos nos quais foram empregadas, o nível de desenvolvimento dos alunos, a distribuição de tarefas” (NEIRA,

2006,p. 25). Mais do que isso, enxergamos o handebol como uma atividade que possui variáveis educativas que podem ser utilizadas para o desenvolvimento de competências diferentes.

Essa medida pode constituir um importante momento de tomada de consciência dos alunos a respeito de suas próprias atividades (FREIRE e SCAGLIA, 2007). Nesta direção, é preciso entender que a praxiologia é uma área de conhecimento que, sem dúvida, preocupa-se não só com a questão “como ensinar esporte”, mas também com os motivos de se ensinar esporte, porque e para quem ensinar esporte e o que ensinar quando se ensina esporte.

Pela praxiologia entendemos que ao se ensinar qualquer prática corporal, devemos compreender o que cada participante irá enfrentar nessa prática, para assim cada sujeito, trabalhar por meio do jogo o aspecto em que mais demandará essa prática. O desafio de garantir que o esporte educacional não se resuma tão somente à prática pela prática pode ser vencido por uma metodologia que privilegie o processo de tomada de consciência (FREIRE, 2006). Assim devemos saber com bastante clareza que o handebol se baseia na tomada de decisão, na leitura (decodificação) dos demais participantes, na antecipação das antecipações das ações dos demais.

Os docentes entendem que o handebol “é um instrumento dentro do esporte para dar autonomia aos alunos de se deslocar, de manipular, dialogar, cooperar e construir conhecimento.” Compreendem o handebol “como uma ferramenta relevante na vida dos alunos que ultrapassa os muros da escola, tornando-a uma prática constante, contribuindo para uma qualidade de vida”. Porém, corroborando com as ideias de Freire (2005), apesar de todos os esforços educacionais realizados nos últimos anos, para a maioria dos alunos que passam por uma escola, há um muro inexpugnável separando a escola da rua, isto é, separando aquilo que se aprende no ambiente escolar do mundo vivido lá fora.

É relevante ressaltar para o aluno o conhecimento em relação às diversas formas de jogar handebol (ou como jogavam), reforçando assim, o pensamento de que o esporte é reconstruído e possui diversas ressignificações nas suas ações. Dialogando com Hildebrandt-Stramann (2003), o esporte é um campo de ação social concreto, no qual o movimento humano é fundamental. Por outro lado é preciso compreender a sua própria ação como esporte e decidir como irão agir no esporte.

Baseado na pedagogia alemã, Pires e Neves (2006) objetivaram construir uma alternativa didaticamente transformada para o ensino do handebol. Associaram e alternaram série de jogos/série de exercícios para que a reflexão da prática ocorresse, com problemáticas, diálogos, incorporação de novos elementos até o handebol propriamente dito. Corroborando com essa prática, os professores responderam que mudam algumas regras, número de jogadores, formas de passar a bola, roda de conversa para um entendimento amplo do jogo, com suas riquezas e peculiaridades, tão importantes para o aprendizado e repertório de movimentos dos alunos.

Toda ação no esporte é geradora de uma reação, o conhecimento praxiológico nos apresenta uma nova forma de interpretar as ações motrizes que ocorrem no jogo: a rede de comunicação motriz. Todo esporte possui uma rede, uma lógica que rege o desenrolar da partida, porém, cada ação dentro dessa rede é composta por cada participante, “esta é uma das razões pelas quais defendemos a posição de que no esporte todas as ações dos atletas estão condicionadas pelo parâmetro situacional, constituindo-se numa trilogia que abrange tempo-espaço-situação” (GRECO e BENDA, 1998).

Nesta perspectiva delineamos que toda ação motriz irá depender desta tríade, que está presente em qualquer jogo sociomotriz. Segundo Ribas (2008), as situações sociomotrizes correspondem àquelas situações nas quais o participante interage com os demais. É relativamente fácil dizer que no handebol, o seu pleno desenvolvimento depende e muito das trocas de passes, como em qualquer jogo sociomotriz. O handebol, numa perspectiva praxiológica, pode proporcionar aos educandos inúmeras comunicações, favorecendo as tomadas de decisões, a compreender o jogo como um espaço de aprendizado de novas interações motrizes e visualizar o espaço, os materiais e os demais jogadores como partícipes relevantes para um melhor funcionamento do jogo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Encontramos informações teóricas interessantes indicando que o esporte escolar é demasiadamente discutido quanto a sua forma de ser e estar dentro das escolas, suas implicações para o aprendizado dos alunos e o que pode (e deve) ser modificado para não atender apenas uma minoria e sim uma maioria, que tem seu direito de praticar esporte e esse direito necessita ser alcançado dentro e fora da escola para uma participação mais efetiva na sociedade, na inserção em grupos de pessoas.

Durante a discussão das informações obtidas, vimos que o handebol está presente nas escolas pesquisadas através de seus respectivos professores, tanto na esfera privada como na pública, porém, com limitações pedagógicas quanto às aprendizagens que o mesmo poderá contribuir e sua importância no processo de ensino-aprendizagem.

Dessa forma, não basta estar presente na escola, o handebol precisa ser vivenciado e refletido para obtenção e construção do conhecimento através da ludicidade. Pelo conhecimento praxiológico, observamos que este esporte possui peculiaridades que não estão ainda bem expostas para aqueles que praticam e observam, mas são de ordem fundamental para o jogo, como a comunicação motriz que se revela um elemento essencial nas práticas sociomotrizes. Ao pensarmos o jogo como um ato de comunicação, de troca de interações, concluímos que ao adotarmos esse procedimento, a prática do handebol na escola atenderá aos objetivos da educação, tornando os sujeitos mais perceptivos e menos precipitados nas ações do jogo, levando-os a serem conscientes de sua conduta no jogo, promovendo, assim, uma prática esportiva crítica e educativa em todas as esferas da vida.

Ao adotarmos a praxiologia motriz como teoria de análise e interpretação dos jogos e esportes, passamos a vivenciar o jogo por critérios que rompem as barreiras do lazer e do desempenho de habilidade. Partindo desta lógica, passamos a observar o handebol como uma rede de interações, em que cada ação motriz é reflexo de uma estratégia motriz.

As escolas deveriam ensinar a lógica do jogo, tanto para compreensão da prática quanto para uma melhor atuação no jogo. Ao se entender as ações de cada jogo, interpretando-as, saberemos agir melhor nas diferentes situações, pois de certa forma temos um conhecimento prévio daquilo que pode ocorrer. Observar um jogo compreende ler previamente todo o leque de gestos e ações que cada um pode desempenhar. Não só compreendendo o repertório motor dos adversários, mas, também, entendendo e interpretando as ações motrizes dos companheiros. Jogos e esportes estão enraizados em vasto repertório de gestos e ações motrizes, que deveriam ser mais compreendidas tanto pelos participantes, mas principalmente por aqueles que ensinam a prática ou estão à frente de equipes, portanto, professores e técnicos.

A prática do handebol nas escolas pode ser uma possibilidade de integração, de aquisição de habilidades na busca da autonomia, na construção do conhecimento e na postura cidadã diante do meio em que se vive a partir de uma prática pedagógica mais clara, com uma intencionalidade docente ressignificada, para, assim, suscitar uma ampliação do acompanhamento da pedagogia esportiva nas escolas, buscando maximizar a prática e otimizar o aprendizado dos alunos, a partir do handebol.

REFERÊNCIAS

- BREGOLATO, R.A. **Cultura corporal do jogo**. São Paulo: Ícone, 2007.
- DARIDO, S.C; SOUZA JR,O,M. **Para ensinar educação física**: possibilidades de intervenção na escola. 2º edição. Papyrus, 2007.
- FARIAS, G.P. **Handebol como prática social para formação da cidadania: uma experiência na comunidade Funcionários I**, (Monografia). UFPB, 2006.
- FREIRE, J. B.; SCAGLIA, A. J. **Educação como prática corporal**. Scipione, 2007.
- FREIRE, J.B. Da escola para vida. In: Freire, J.B; Venâncio, S. (orgs). **O jogo dentro e fora da escola**. Autores associados, 2005.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro. Paz e terra, 2006.

GRECO, P.J; BENDA, R.N (org.) **Iniciação esportiva universal**: da aprendizagem motora ao treinamento técnico. Belo Horizonte, UFMG, 1998.

HILDEBRANDT-STRAMANN, R. **Textos pedagógicos sobre o ensino da Educação Física**. 2º edição. Unijuí, 2003.

KUNZ, E. (org.). **Didática da Educação Física**. 2º edição. Unijuí, 2004.

LIBÂNEO, J. C. **Democratização da escola pública**: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. São Paulo, Loyola, 1985.

NEIRA, M.G. **Educação Física**: desenvolvendo competências. 2ªed. São Paulo: Phorte, 2006.

PARLEBAS, P. **Juegos, deporte y sociedad**: Léxico de praxiología motriz. Institut National Du Sport et de 1'Éducation Physique. Barcelona: Paidotribo, 2001.

PIRES, G. L.; NEVES, A. O trato com o conhecimento esporte na formação em Educação física: possibilidades para sua transformação didático-metodológica. In: SANTANA, W.C.; REIS, H.H.B. A Pedagogia do esporte e o desafio de educar para a autonomia. In: MOREIRA, E. C. (org.) **Educação Física escolar**: desafios e propostas 2. Fontoura, 2006.

RIBAS, J. F. M. **Jogos e esportes**: fundamentos e reflexões da praxiologia motriz. Santa Maria: Ed. UFSM, 2008.

_____. Copa do mundo de futebol: deu a lógica, praxiológica. In: RAMOS, J. R. S. [et al.]. **Praxiologia motriz no Brasil**: o discurso da ação motriz no Brasil. Niterói, RJ. L. A. Erthal: Faculdades Integradas Maria Thereza, 2003.

¹ Grupo de Estudos e Pesquisas em Corporeidade, Cultura e Educação – GEPEC – DEF/UFPB.

² Universidade Federal da Paraíba - UFPB / Departamento de Educação Física.

Rua Celso de Paiva Leite, S/N – BI C6 - Apt 302
Jardim Cidade Universitária
João Pessoa/PB
58052-561